

# A CORRELAÇÃO EM CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Letícia Martins Monteiro de Barros*

*Orientadora: Mariângela Rios de Oliveira*

*Doutoranda*

**RESUMO:** A todo momento, em suas interações sociais, os usuários de uma língua se valem do recurso da comparação para se expressarem e para serem mais bem compreendidos por seus interlocutores. No entanto, apesar de sua importância e de sua frequência de uso, as estruturas comparativas parecem não receber um tratamento adequado pelas gramáticas tradicionais da língua portuguesa. No que tange à classificação de orações, essas obras geralmente consideram apenas dois processos, a coordenação e a subordinação – reflexo da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) –, os quais estariam rigidamente separados com base em critérios de (in)dependência semântica e/ou sintática. As chamadas orações comparativas costumam ser abrigadas pelas gramáticas normativas dentro do escopo das subordinadas adverbiais. Essa proposta, contudo, mostra-se insuficiente, como sugerem Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008), Castilho (2012) e Rosário (2012). De fato, as construções comparativas observadas no uso não são contempladas de modo adequado nas abordagens tradicionais. Ademais, essas construções se apresentam, muitas vezes, de forma correlata, ou seja, a partir de estruturas interdependentes, cujo vínculo é estabelecido através da disposição paralela dos conectivos, o que as difere das tradicionais orações adverbiais. Partilhando da constatação desses autores, pretende-se, neste trabalho, apresentar construções correlatas comparativas do português sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, a partir da perspectiva de que a correlação é um processo produtivo e coerente para a análise da comparação em seu uso linguístico efetivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Correlação; construções comparativas; LFCU.

## **Introdução**

O recurso da comparação é amplamente utilizado no cotidiano para atender a específicas funções discursivo-argumentativas em diferentes contextos. De acordo com os dicionários eletrônicos *Aurélio* e *Houaiss* de língua portuguesa, o termo *comparação* pode ser definido como um cotejo, um contraste entre duas ideias ou coisas com o objetivo de estabelecer diferenças e/ou semelhanças a respeito dos itens comparados. Assim, a fim de se expressarem melhor ou de argumentarem com maior eficiência, os usuários de uma língua muitas vezes recorrem a esse recurso.

---

Apesar de sua importância e de sua frequência de uso, a comparação não parece receber um tratamento adequado pelas gramáticas tradicionais de língua portuguesa. Essas obras costumam abrigar as estruturas comparativas dentro do escopo da subordinação adverbial, sem levar em consideração as suas particularidades e as diferenças estruturais e funcionais que elas apresentam em relação às demais também classificadas como subordinadas adverbiais. Para autores como Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008), Castilho (2012) e Rosário (2012), algumas estruturas do português não parecem poder ser consideradas nem subordinadas nem coordenadas, como sugere a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), mas, sim, como organizadas por um terceiro processo distinto, a correlação, o qual seria mais adequado para classificar muitas das construções comparativas, por exemplo.

Ao longo desta pesquisa pretende-se mostrar a correlação como um processo de organização sentencial cujas propriedades são tão peculiares semântica e estruturalmente que o considerar como uma forma de classificação distinta das demais parece configurar um tratamento mais plausível. Sendo assim, parte-se da visão não dicotômica oferecida pela Linguística Funcional Centrada no Uso para analisar casos reais de uso linguístico que ou não são abrangidos pelas gramáticas tradicionais brasileiras devido à sua não canonicidade ou não recebem um tratamento adequado por causa das demasiadas generalidade e simplificação encontradas em tais obras normativas.

Na primeira seção deste trabalho, será apresentado o arcabouço teórico que servirá como base para a análise dos dados. Na segunda, serão mostrados o tratamento dado às construções comparativas pelas gramáticas prescritivas brasileiras e o processo de correlação como um fenômeno diferenciado das classificações tradicionais. Por fim, será apresentada uma versão mais abrangente, proposta por Rodrigues (2002), para o tratamento da comparação em língua portuguesa. A última seção deste artigo, além de apresentar dados reais<sup>1</sup> que se encaixam na classificação dessa autora, revela também dados de correlação comparativa que, por estarem bastante à margem da categoria, não parecem poder ser abrigados dentro de nenhuma das classificações já propostas.

### **Linguística Funcional Centrada no Uso e alguns conceitos**

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) nasce da união entre preceitos da Linguística Cognitiva e da Linguística Funcional, as quais consideram em sua análise não só a

---

<sup>1</sup> Todos os dados utilizados neste artigo foram encontrados no banco *Corpus do Português* (corpusdoportugues.org), o qual fornece exemplos reais de uso linguístico.

---

língua por si mesma, mas também os fatores externos, o contexto em que o discurso é realizado, a sua função e a própria experiência do falante no uso linguístico. Tem, portanto, como um dos princípios básicos o fato de que a estrutura linguística vai emergir do uso que é feito dela nas diversas situações comunicativas. Assim, as análises realizadas dentro dessa perspectiva teórica são feitas a partir de dados reais encontrados em diferentes modalidades do discurso.

Baseados nos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013), vários dos estudos no âmbito da LFCU vão se fundamentar na ideia da língua como uma rede de construções que se encontram interconectadas. Cada construção seria constituída por um pareamento indissociável de forma e função, isto é, estrutura e significado, respectivamente. Assim sendo, entende-se que uma análise linguística profunda e satisfatória deve contemplar ambas as partes, integradas ao contexto em que são realizadas, de modo a observar não só questões formais, mas também semânticas, pragmáticas e discursivas.

Acredita-se que a escolha do falante por uma construção em detrimento de outra também disponível na língua é influenciada pela cognição e pelo uso, atrelados a fatores socioculturais e discursivos, para atender a propósitos comunicativos. Dentro dessa perspectiva, cabe destacar o princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995), o qual propõe que diferenças sintáticas vão acarretar em diferenças semânticas ou pragmáticas.

Outro ponto fundamental da LFCU é a perspectiva de gradiência adotada em diversos campos de análise. Tendo como base a noção de categorização como um processo cognitivo básico, os estudos mais recentes dentro do funcionalismo linguístico aplicam essa noção de várias maneiras. Eleanor Rosch, ao ir de encontro à perspectiva clássica sobre categorização, propõe a Teoria dos Protótipos (1978), a qual sugere que a formação de categorias acontece, na verdade, como uma espécie de *continuum*, isto é, uma escala de gradiência, que se inicia a partir do elemento mais central, o mais prototípico<sup>2</sup>, e vai ao mais periférico. Nessa perspectiva, as categorias não apresentam limites rígidos e bem definidos que as separam indubitavelmente umas das outras; elas possuem, na verdade, limites difusos e podem, muitas vezes, sobrepor-se umas às outras.

Assim, voltada para o tratamento linguístico, a LFCU recorre a essa ideia de categorização para estabelecer, em vez de classificações rígidas e dicotômicas – ou uma coisa,

---

<sup>2</sup> Por elemento mais prototípico, Rosch define “o mais claro dos casos de pertencimento a uma categoria definido operacionalmente pelo julgamento das pessoas sobre o melhor exemplar de membro da categoria” (ROSCH, 1978, p. 11).

---

ou outra –, uma análise que possa contemplar níveis diferentes de gradiência. Isso explicaria, por exemplo, a existência de construções que se encaixam em mais de uma classificação, de processos que se sobrepõem e de estruturas mais e menos prototípicas – umas mais canônicas, mais centrais que outras.

Conforme será mostrado ao longo desta pesquisa, tanto a noção de construção quanto a de categorização baseada no protótipo são indispensáveis para a análise das variadas estruturas comparativas encontradas no português. Antes de apresentar casos menos prototípicos, no entanto, é necessário que se apresentem o tratamento e as classificações dados pelas gramáticas tradicionais à construção comparativa.

### **As estruturas comparativas segundo as gramáticas tradicionais**

As gramáticas normativas tradicionais costumam tratar as construções comparativas como uma subcategoria da subordinação adverbial, além de não estender suas análises aos casos não canônicos – a maioria, se cita algum caso à margem do padrão, faz apenas breves observações.

Para Rocha Lima (2017), por exemplo, “a comparação se realiza, no plano do período composto por subordinação, mediante uma construção de dois membros em que um é posto em cotejo do outro” (p. 348). De acordo com Cunha & Cintra (2016), “segundo a conjunção ou locução conjuntiva que as encabece, [as orações subordinadas adverbiais] classificam-se em [...] COMPARATIVAS, se a conjunção é subordinativa comparativa” (p. 619-621). Bechara (2009), por sua vez, afirma que

As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com núcleo verbal da oração junto com seu antecedente” (p. 473).

As citações acima servem como uma amostra do tratamento das construções comparativas segundo as gramáticas tradicionais. Em relação ao processo de correlação que pode ser observado em algumas estruturas comparativas, Rocha Lima e Bechara reconhecem a sua particularidade estrutural em relação às demais orações subordinadas adverbiais, sem, no entanto, classificá-lo como um fenômeno à parte. Segundo eles, há dois tipos fundamentais de oração subordinada adverbial comparativa: as assimilativas, apresentadas pela conjunção *como*, equivalentes à oração modal *do mesmo modo que*; e as quantitativas, pelas quais se estabelece um confronto entre “fatos semelhantes (comparação de igualdade), ou fatos dissemelhantes

---

(comparação de superioridade, ou de inferioridade)” (p. 349). Esse segundo tipo apresentaria o que Rocha Lima chama de “fórmulas correlativas”, ou seja, dois elementos que aparecem paralelamente em cada uma das orações.

Em sua obra, Bechara defende que, em orações como “*Janete estuda mais que trabalha*” (2009, p. 473), a oração subordinada se encontra presa ao advérbio de intensidade, e o conjunto que estabelece a comparação – “*mais que trabalha*” – funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*. De acordo com o autor, “o caráter do adjunto, portanto de termo não argumental [...], se manifesta pelo fato de se poder eliminar [...] a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior” (p. 474), como é possível observar em “*Janete estuda mais*”.

Para Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008), Castilho (2012) e Rosário (2012), o tratamento destinado às construções comparativas se mostra insatisfatório, pois não é capaz de abranger adequadamente a variedade de usos linguísticos constatada no discurso. Em suas obras, esses autores criticam a separação rígida entre coordenação e subordinação e a seleção desses dois únicos processos para classificar uma série de estruturas linguísticas que parecem não poder ser agrupadas dentro de um mesmo escopo devido à sua diversidade.

Oiticica, em sua obra *Teoria da Correlação* (1952), reconhece a existência de pelo menos quatro processos: a coordenação, a subordinação, a correlação e a justaposição. Por coordenação, o autor entende a relação entre orações que são autônomas, isto é, possuem “declaratividade total” e podem ser separadas, estando ligadas por conjunções “meramente aspectais” (p. 16-17). Por subordinação, entende a organização do período em que uma oração depende da outra para atingir seu status de declaratividade, e ambas encontram-se “presas” por um só conectivo. (p. 20). No que tange à correlação, Oiticica explica que nesse tipo de estrutura as orações são ligadas não por um, mas dois termos conectivos. Dessa forma, o conectivo expresso na primeira oração automaticamente “força” o início da oração seguinte por seu correlato, de modo a conectar os sentidos expressos em cada uma delas.

Em relação à correlação em estruturas comparativas, Oiticica, Módolo e Castilho evidenciam a relação de interdependência que se estabelece entre os elementos comparados, fortalecida pelo uso de conectivos dispostos de forma correlata, paralela, ou seja, um em cada oração, como se pode observar nos dados a seguir:

- (1) “Também nestes casos, em que os donos passam muitas horas do dia fora de casa, ou que o cachorro irá viver do lado de fora, é mais aconselhável escolher uma raça que seja

---

naturalmente **mais independente do que** outras. Só não vale depois ficar reclamando que o cachorro não liga muito pro dono e prefere o caseiro.”

Fonte: <https://www.bitcao.com.br/blog/voce-esta-preparado-para-ter-um-cachorro/>

(2) “Esta é uma das razões por que muitos crentes estão sofrendo **tão dolorosamente quanto** as infelizes pessoas mundanas: Deus está insatisfeito com os caminhos deles e não se mostra forte para com eles (2 Cr 16.9).”

Fonte: [http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/56/Santidade\\_Pratica](http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/56/Santidade_Pratica)

(3) “Os efeitos da fumaça da maconha sobre os pulmões são **muito menos problemáticos do que** aqueles associados com o tabaco”

Fonte: <http://2012umnovodespertar.blogspot.com.br/2012/07/o-outro-lado-da-maconha-que-ninguem-fala.html>

Os três casos acima são considerados, na visão de Oiticica, exemplos em que as orações são organizadas por correlação. Como se pode observar em (1), o conectivo *mais* na primeira parte da estrutura comparativa pressupõe a existência de um outro conectivo (nesse caso, o *do que*) que a une ao segundo elemento comparado. Trata-se de uma comparação de superioridade. Em (2), é estabelecida uma comparação de igualdade por meio da correlação entre os conectivos *tão* e *quanto*, os quais são utilizados paralelamente, um em cada parte do período, para ligar os elementos comparados. Por fim, em (3), nota-se uma comparação de inferioridade, evidenciada pela correlação dos conectivos *menos* e *do que*. Em todos os casos, a presença do primeiro correlativo demanda a existência do segundo para que se estabeleça o sentido completo, ou, nas palavras de Oiticica, a “declaratividade total” da sentença.

Sendo assim, para casos como os apresentados acima, propõe-se considerar o critério de interdependência, verificado em diversas construções da língua em uso (como as comparativas, por exemplo), e a existência de um processo que não se encaixa nem dentro da coordenação nem da subordinação num sentido tradicional. A correlação se mostra como um fenômeno à parte bastante relevante na organização do discurso e da argumentação. Vale lembrar, no entanto, que a Linguística Funcional Centrada no Uso, abordagem utilizada neste trabalho, reconhece que as categorias possuem limites difusos, podendo mesclar-se umas com as outras. Esse pensamento, como será mostrado na seção a seguir, vai ser essencial para a análise dos dados menos prototípicos encontrados nesta pesquisa.

### **A proposta de Rodrigues (2002) e dados híbridos de construção comparativa**

---

Neste trabalho, concorda-se com Rodrigues (2002) no que diz respeito ao fato de que o termo *construção comparativa* parece mais adequado que *oração comparativa*, uma vez que este não se mostra capaz de abranger a variedade das instanciações do âmbito da comparação, as quais incluem estruturas oracionais e não oracionais.

No que tange às construções comparativas do português, Rodrigues (2002) propõe que elas estejam divididas em quatro grupos: a) construção comparativa não oracional correlata; b) construção comparativa não oracional não correlata; c) construção comparativa oracional correlata; e d) construção comparativa oracional não correlata.

No primeiro grupo, entrariam construções com conjunções correlatas e verbo em apenas uma das partes, como nos casos (4) e (5).

- (4) “[...] minha tese é que a Idade Média, por ter durado seu milênio, **teve muito mais influência do que o Barroco.**”

<http://001pontodevista.zip.net/>

- (5) “Sobre o futuro da possível franquia, Christopher Nolan disse que **está se concentrando mais no game do que em uma sequência**, o que não descarta”.

<https://100grana.wordpress.com/2010/12/01/christopher-nolan-fala-sobre-o-final-de-a-origem/>

No segundo, estariam as construções que não apresentam correlação, isto é, a disposição paralela de conectivos, e que possuem verbo em apenas uma das partes comparadas, tais quais (6) e (7).

- (6) “O tempo **corre como um cavalo louco**”.

[http://lume-brando.blogspot.com/2010\\_03\\_01\\_archive.html](http://lume-brando.blogspot.com/2010_03_01_archive.html)

- (7) “**Também chorei feito um bebê com o final**, e já sinto falta da série”.

<http://ww17.naodiga.com/saiba-como-terminou-a-sexta-temporada-de-lost-the-end/>

O caso (7) não representa um caso prototípico do português, uma vez que a o termo *feito*, que se comporta como uma conjunção comparativa, não é considerado um conectivo padrão nessa língua. Constitui, portanto, um exemplo de construção comparativa não canônica.

---

Exemplos pertencentes ao terceiro grupo, das comparativas oracionais correlatas, incluem tanto os conectivos emparelhados quanto verbos em cada uma das partes da construção, como verificado em (8) e (9).

- (8) “Em outras palavras, a China moderna, como uma potência mundial, é **incomparavelmente mais forte do que era no século 18 mais cedo.**”

<https://agendaglobal21.wordpress.com/2012/03/13/china-ascensao-e-queda-como-potencia-global-a-historia-e-o-futuro/>

- (9) “Eu, porém, não peguei maravilhosas promoções e **acabei gastando mais do que queria.**”

<http://allstarejeans.blogspot.com/2013/09/o-que-temos-de-bom-por-ai-bienal-2013.html>

Por fim, no último grupo, encontram-se as construções comparativas oracionais não correlatas, cujos exemplos são sentenças dos tipos abaixo:

- (10) “PORÉM, nem todos os defeitos são admissíveis, é **que nem disse no texto**, se não for ‘falta de caráter’ tudo bem, só acho que tem muita gente que erra por falta de noção [...]”

<http://www.pergunteaumamulher.com/2013/03/por-que-e-tao-dificil-encontrar-pessoa.html>

- (11) “Você promete a si mesma, até consegue por um dia ou dois, mas depois tudo **volta como era antes**”

<https://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/coisas-em-voce-que-nao-mudam/>

A proposta de Rodrigues (2002) mostra-se mais coerente em relação à variedade de construções comparativas encontradas no uso. No entanto, no decorrer desta pesquisa, foram encontrados dados marginais, não canônicos, que também estabelecem comparação, sem que haja, no entanto, a utilização de conectores padrões. Talvez por essa razão esses casos não se encaixam em nenhum dos grupos propostos pelos autores. Isso pode ser observado, por exemplo, na seguinte construção:

- (12) “Todos somos criados com diferentes habilidades. Somos feitos para desempenhar usos diferentes em o reino eterno de o Senhor. **Algumas criaturas são**

---

**menos robustas: outras são fortes e sadias. Algumas são retraídas e menos comunicativas; outras são alegres e animadas.”**

Fonte: <http://24.229.2.221/sermoes/39.html>

Como se pode verificar, é estabelecida no exemplo (12) uma relação comparativa entre duas partes: por um lado, criaturas menos robustas e, por outro, criaturas fortes e sadias. A relação comparativa se estabelece sem a utilização de conectivos canônicos, configurando uma construção justaposta. Para construir a comparação de fato, o autor utiliza os indefinidos *algumas* e *outras*, que funcionariam como correlatores (Rosário, 2012) entre essas sentenças oracionais, o advérbio *menos* e alguns adjetivos que estabelecem contraste.

O mesmo pode acontecer em construções não oracionais, conforme se observa no caso (13), em que os indefinidos *uns* e *outros* ajudam a estabelecer uma relação correlativa. Ao mesmo tempo, configura-se uma comparação, reforçada pelo paralelismo desencadeado pelo uso dos advérbios *mais* e *menos*. Nesse caso, não há nem conectivos canônicos nem verbos nas sentenças em que a comparação é construída.

- (13) “A Loja Mestre Affonso Domingues tem prosseguido vários projetos ao longo da sua existência, uns com mais êxito, outros menos bem conseguidos, uns mais visíveis, outros mais modestos.”

Fonte: <https://a-partir-pedra.blogspot.com.br/2012/06/regras-gerais-dos-macons-de-1723-viii.html>

Propõe-se, portanto, nesta pesquisa, que haja uma construção dentro do escopo das comparativas que reúne tanto propriedades da correlação quanto da justaposição, estabelecendo-se como uma construção híbrida. Diferentemente das comparativas canônicas, tal construção se encontra às margens do esquema e é formada por dois indefinidos correlacionados, seguidos de elementos que estabelecem contraste. Por ser tão marginal, ela não parece se encaixar em nenhuma das classificações propostas até o momento no que diz respeito às comparativas.

### **Considerações finais**

A comparação como forma de expressão e de argumentação é bastante útil aos usuários de uma língua. Devido à sua importância, ocorrem na língua diversas formas de se estabelecer uma relação comparativa, umas canônicas, também vistas como o padrão linguístico, e outras não canônicas, possivelmente mais recentes e menos frequentes no uso. No entanto, a

---

diversidade das construções comparativas não são contempladas de maneira suficiente pelas gramáticas tradicionais, as quais acoplam tais estruturas dentro do escopo da subordinação adverbial, sem atentar para suas diferenças e particularidades em relação aos demais membros dessa categoria.

Sendo assim, este trabalho buscou mostrar diferentes formas de construções comparativas, apresentando a questão da correlação (OITICICA, 1952; MÓDOLO, 1999, 2008; CASTILHO, 2012; ROSÁRIO, 2018), a proposta da autora Violeta Rodrigues (2002) para a categorização desses itens e, por fim, casos que não se encaixam em nenhuma das classificações existentes, mas que ainda configuram uma comparação e necessitam de maior atenção.

## REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: The Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: CUP, 1995.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 53ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.
- MÓDOLO, M. *(Pré) publications: forskning og undervisning*. Romansk Institut: Aarhus Universitet, Danmark, 1999.
- \_\_\_\_\_. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 2. São Paulo: Unicamp, 2008.
- OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- RODRIGUES, V. As construções comparativas em língua portuguesa. *Revista GELNE*, vol. 4, nº 1, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9146>> Acesso em: ago/2018.
- ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

---

ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E. & LLOYD, B. B. (eds.), *Cognition and Categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.